

15 e 16 out

Orquestra Gulbenkian
Paweł Kapuła
Juliana Zara

Sinfonia n.º 2 Brahms

Orquestra Gulbenkian
Paweł Kapuła Maestro
Juliana Zara Soprano*

* Por motivos de saúde, a soprano Hanna-Elisabeth Müller
é substituída por Juliana Zara

Unsub Chin

Puzzles and Games from Alice in Wonderland

1. *Alice – Acrostic*
2. *If I Never Reach the Garden*
3. *What a Curious Feeling*
4. *Curiouser, Curiouser*
5. *Who in the World Am I?*
6. *The Tale-Tail of the Mouse*
7. *Sleep Tight, My Ugly Baby*
8. *Cat's Aria*
9. *Overture*
10. *Twinkle, Twinkle, Little Star*
11. *Speak Roughly to Your Little Boy*

INTERVALO 20 MIN

Johannes Brahms

Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 73

1. *Allegro non troppo*
2. *Adagio non troppo*
3. *Allegretto grazioso
(quasi andantino)*
4. *Allegro con spirito*

DURAÇÃO APROXIMADA 100 MIN

Unsus Chin

Seul, 1961

Puzzles and Games from Alice in Wonderland

Texto de David Henry Hwang e Unsuk Chin, baseado em *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho* de Lewis Carroll

Composição 2004-2007 / 2017 Duração c. 25 min

Este programa joga com o contraste absoluto: identidades culturais, geografias, épocas e estilos musicais. Século XIX e século XXI, forma orquestral não descritiva, a sinfonia, contra um ciclo vocal de canções aforísticas sobre textos *nonsense* de Lewis Carroll retirados dos dois volumes das aventuras de Alice, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, a orquestração tipicamente alemã de Brahms versus o caleidoscópio tímbrico de Unsuk Chin, e teremos uma ideia do enorme contraste deste programa excepcional, contraste que é, também, uma forma interessantíssima de juntar peças num concerto.

Unsuk Chin, compositora sul-coreana radicada em Berlim, usa a orquestra de forma extremamente rica e imaginativa, “fora da caixa”, embora o seu modernismo seja muito atraente e não negue, de todo, ligações à tradição tonal. Ecos de Ligeti são os mais óbvios, tendo Chin estudado com este mestre, mas Prokofiev e outros compositores fazem parte do vocabulário eclético da compositora, um dos nomes maiores da composição atual. A peça desta noite baseia-se, como o título já indica, em material da sua ópera *Alice in Wonderland*. Da ópera, Chin retira momentos, reescreve-os, reordena-os e constrói um bem-humorado, por vezes terno, misterioso e assustador ciclo de canções sobre o universo surrealista, *avant la lettre*, de Carroll. É curioso que Ligeti deixará, inacabado, um projeto de ópera sobre *Alice no País das Maravilhas*. Na verdade, Ligeti, que passará três décadas a sonhar em escrever essa ópera, e que experimentará alguns dos textos absurdos de Carroll nos *Nonsense Madrigals* (1988-1993), passará a incumbência de escrever a ópera à sua ex-pupila, o que esta fará brilhantemente em 2007, um ano apenas após a morte do seu mestre, em 2006. Embora tenha estudado somente três anos com Ligeti (de 1985 a 1988), Unsuk Chin libertou-se, graças a ele, de um bloqueio criativo ao abraçar a multiplicidade estética do mundo sonoro de hoje, sendo que as aulas

de Ligeti, bem como a sua música, abarcavam os mais diversos temas, desde Mozart e música antiga e popular, até ao jazz, ao rock, mas também a pintura, a ficção científica e a literatura em geral. A riqueza desse universo acabará por passar para Chin que neste ciclo de canções usa, de forma extraordinária e bem-humorada, esses ensinamentos.

Johannes Brahms

Hamburgo, 1833 — Viena, 1897

Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 73

Composição 1877 Duração c. 45 min

Já Brahms, cujas quatro sinfonias, todas obras de maturidade, fazem parte essencial do repertório sinfónico, é um artista totalmente diferente. Brahms será o primeiro compositor a sentir na pele o que era – em particular para um compositor alemão – escrever uma sinfonia depois de Beethoven. Avesso à tendência descritiva ou ilustrativa de tantos dos seus colegas, Brahms escreverá apenas obras de “música pura”, deste conceito excetuando-se, claro, as canções e outras obras escritas sobre textos que, inevitavelmente, invocam algum tipo de elementos extra musicais. Uma implacável lógica musical impera porém, sempre, mesmo nesses contextos mais livres, lógica essa herdada de Beethoven, e que levará tantos – erroneamente – a considerarem Brahms um músico “frio”, calculista e académico.

Os pruridos de Brahms em relação à sinfonia eram, porém, justificados. Tendo esperado 43 anos para escrever a primeira, esta é imediatamente apelidada de “10.^a Sinfonia” por Hans von Bülow, numa clara alusão à suposta continuidade da obra em relação à 9.^a de Beethoven, o que não contribuiu em nada para a segurança emocional de Brahms que, é certo, invoca no entanto o *Hino à Alegria* na melodia com que inicia o último andamento.

Lançado assim o ciclo em 1876, após 21 anos de hesitações, Brahms ultrapassará rapidamente o “Complexo Beethoven” e, também em apenas nove anos (até 1885), oferecerá ao mundo quatro magníficas sinfonias, cada uma, como as de Beethoven ou Sibelius,

outro herdeiro do Mestre de Bona, habitando um mundo único, irrepetível. No entanto, o fantasma do “grande surdo” perseguiu-lo-á sempre. Da alcunha de “10.^a” em relação à 1.^a Sinfonia, passou-se à de “Pastoral” para a 2.^a Sinfonia. Escrita imediatamente após a dramática primeira obra, no verão de 1877, a 2.^a Sinfonia de Brahms merece porém esse epíteto pós-beethoveniano. Na tonalidade radiosa e muito sonora de Ré maior, a obra demonstra claramente que nasceu num período de felicidade emocional, e que a Natureza, que Brahms, como Beethoven, amava, a envolveu espiritualmente. O final, em particular, é a música mais exuberante alguma vez escrita por Brahms e, em espírito, lembra o início, igualmente radioso, de uma obra bem mais tardia, o 2.^o Quinteto com duas Violas, opus 111, escrita na ainda mais radiosa tonalidade de Sol maior.

O local da composição, a pequena vila à borda de um lago imenso, o lago Wörth (Pörschach am Wörthersee), na Caríntia, é ainda hoje um popular destino turístico de verão, e podemos imaginar a calma que ofereceria em 1877, um século antes do turismo de massas começar a complicar a vida a compositores de sinfonias em busca de locais idílicos para trabalhar. No entanto, a óbvia afinidade espiritual da 2.^a Sinfonia com a “Pastoral” de Beethoven, em particular depois da alcunha dada à 1.^a Sinfonia (sendo que a 3.^a Sinfonia será também, por muitos, apelidada de “Heróica”...), fará Brahms, que possuía um sentido de humor muito particular, incisivo e até por vezes corrosivo, escrever ao seu editor, em 22 de novembro de 1877, que a sinfonia era “...tão melancólica que não conseguirá suportá-la. Nunca escrevi nada tão triste, e a partitura deve vir de luto” (!)

Como é norma nas suas sinfonias, Brahms usa uma orquestra de tamanho convencional, cuja única percussão continuam a ser os tímpanos, subordinando assim todo o argumento musical aos elementos que considerava essenciais da música, de entre os quais o timbre não era um deles. O brilho orquestral da escola francesa e, mais tarde, da escola russa, serão totalmente alheios a Brahms, cuja orquestra, eficaz, nunca sobressai enquanto elemento independente de alturas e ritmos. Também a forma clássica é seguida à risca, com os tradicionais quatro andamentos (incluindo um “Minueto”, minueto em tudo menos no

nome, como terceiro andamento!) e um plano tonal também relativamente tradicional. Porém, dentro destes limites aparentemente académicos quanta emoção, quanto vigor, quanta invenção melódica, harmónica, contrapontística, inclusive, orquestral.

Se a 1.^a Sinfonia vai da escuridão à luz, já a 2.^a Sinfonia começa imediatamente pastoral, com a sonoridade das trompas, instrumentos de ar livre por natureza, a dominar os primeiros compassos. E, se Brahms exagera na carta ao seu editor, quer pelo seu humor quer numa tentativa de prevenir a associação da obra à “Pastoral”, aqui e ali pequenas sombras melancólicas aparecem, como que a lembrar que a sua natureza, como a de Schubert, não era efusivamente extrovertida. E é precisamente Schubert (nomeadamente a sua 9.^a Sinfonia), mais do que Beethoven, que é brevemente evocado na bela melodia dos violoncelos, o segundo tema do andamento, que aparece logo aos três minutos de música, antecedendo um momento mais agitado, melodia que também antecipa Dvořák, uma vez que este admirava Schubert e Brahms e a eles foi beber várias ideias.

Se os violoncelos dominam, até certo ponto, a sonoridade do andamento lento, já os sopros de madeira caracterizam o início do terceiro andamento, que evoca novamente a música da Boémia e nos faz acreditar que Dvořák terá tido este andamento em mente quando escreveu a sua bela Serenata para Sopros, op. 44, que, para além do uso das madeiras e das trompas numa sonoridade cheia e envolvente, também oscila entre os modos maior e menor, entre luz e sombra. O uso da técnica da variação é, novamente, uma herança de Beethoven, e Brahms não lhe fica atrás em invenção e equilíbrio formal. Por fim, o quarto andamento é, como referimos, um prodígio de energia, élan vital a que é difícil resistir. E, como também é típico de Brahms, este só usa a totalidade dos metais (4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones e até uma tuba) nos momentos mais fortes da sinfonia, nomeadamente no final da mesma, o momento mais exaltante, orquestralmente falando, de toda a obra sinfónica do compositor.

Paweł Kapuła

Paweł Kapuła é um dos mais empolgantes maestros da sua geração, sendo aclamado pelas suas emocionantes interpretações e pela excelente técnica de direção. Sem receio de novos desafios, os seus programas e o seu estilo demonstram um elevado nível de criatividade, conduzindo a presenças recorrentes nos palcos internacionais.

Na temporada passada, o maestro polaco estreou-se à frente da BBC National Orchestra of Wales, da NDR Radiophilharmonie Hannover, da Staatsorchester Mainz e da Janáček Philharmonic, e voltou a colaborar com a Filarmónica de Varsóvia, a Sinfónica de Aarhus e a Bodenseephilharmonie Konstanz.

Outros destaques dos últimos anos incluem estreias com a Orquestra Gulbenkian (2025), a Sinfónica de Hamburgo, a Filarmónica do Japão e as Sinfónicas de Xian e Guiyang, na China. Anteriormente, dirigiu a Orquestra do Ulster, a Württembergische Philharmonie Reutlingen, a Orquestra da Ópera de Oslo, a Sinfónica de Basileia, a Meininger Hofkapelle, a Orquestra da Ópera de Gotemburgo e a Filarmónica de Sibiu, entre outras.

Em fevereiro de 2021, Paweł Kapuła foi nomeado Maestro Convidado Principal da Filarmónica da Pomerânia, em Bydgoszcz. A solidez da sua liderança e o refinamento dos seus programas cativaram outras orquestras polacas como a Sinfónica da Rádio Nacional de Katowice, a Filarmónica de Varsóvia ou a Filarmónica de Gdansk. É também um divulgador da música de compositores polacos menos conhecidos, nomeadamente em gravações para a Rádio Nacional Polaca.

Paweł Kapuła teve as suas primeiras aulas de piano aos sete anos de idade. Estudou direção de orquestra com Tadeusz Strugała e Stanisław Krawczyński na Academia de Música de Cracóvia. Foi finalista premiado no primeiro Concurso de Direção Adam Kopyciński, em Wrocław, em 2013. É licenciado em musicologia pela Universidade Jaguelónica de Cracóvia.

Juliana Zara

Após o grande sucesso da estreia de Juliana Zara no papel de Lulu, a soprano foi nomeada para o prémio alemão de teatro *Der Faust* por esta interpretação, e para “Cantora do Ano”, pela *Opus Klassik*, pela sua prestação como Bubikopf na gravação de *Der Kaiser von Atlantis* de Viktor Ullmann.

No início da temporada de ópera de 2025/26, estreou-se no Theater an der Wien, em *Alice in Wonderland* de Unsuk Chin. Em concerto, interpretou Woglinde, em *O Ouro do Reno*, com a Sinfónica de Wuppertal dirigida por Patrick Hahn, e cantou também *Puzzles and Games from Alice in Wonderland*, de U. Chin, com a Orquestra de Câmara de Munique, dirigida por Enrico Onofri, no Prinzregententheater. Outros destaques incluem a sua estreia no Teatro Real de Copenhaga, em *Dialogues des carmélites* de Poulenc, e a Sinfonia n.º 4 de Mahler, com a Sinfónica de Ann Arbor, dirigida por Earl Lee.

Intérprete apaixonada de música contemporânea, cantou *Mysteries of the Macabre*, de Ligeti, com a Sinfónica de Wuppertal, e protagonizou as estreias mundiais de *Transstimme*, de Fabià Santcovsky, na Bienal de Munique, e de *Singularity*, de Miroslav Srnka, na Ópera Estadual da Baviera. Cantou o papel de Sininho na estreia mundial de *Peter Pan*, de Frank Schwemmer, com a Filarmónica do Luxemburgo, e interpretou o papel principal na estreia mundial de *Girl with the Pearl Earring*, de Stefan Wirth, na Ópera de Zurique. De 2021 a 2023, foi membro da companhia do Teatro Estadual de Darmstadt, onde interpretou Olympia, em *Os Contos de Hoffmann*, e Morgana, em *Alcina*. De 2019 a 2021, foi membro do Estúdio da Ópera Estadual da Baviera, onde interpretou uma variedade de papéis, incluindo Frasquita (*Carmen*), Philine (*Mignon*) e Mercedes (*Schön ist die Welt*). Juliana Zara diplomou-se pelo Conservatório de Música de Oberlin e pela Hochschule für Musik Hanns Eisler, em Berlim.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente pensadas.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vladimir Tolpygo Concertino*

Francisco Lima Santos

1.º Concertino Auxiliar

Maria Balbi 2.º Concertino Auxiliar

Vicente Sobral 2.º Concertino Auxiliar

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Resende

Catarina Sá Duarte

Natália Ribeiro*

Miguel Gomes*

Tiago Neto*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º Solista

Zachary Spontak 1.º Solista

Piotr Rachwał 2.º Solista

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

María Ramos

Ana Isabel Malheiro

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

Leonardo Guedes*

Maria João*

Francisco Ferreira*

Lyza Valdeman*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º Solista

Lu Zheng 1.º Solista

João Tiago Dinis 2.º Solista

Nuno Soares

Sara Moreira

Andrew Shaw

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda*

João Barata*

Márcia Furtado*

Alberto Paya*

Dinis Campos*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º Solista

Raquel Reis 1.º Solista

Jeremy Lake 2.º Solista

Gonçalo Lélis

Tiago Mirra

Maria Nabeiro

Pedro Massarrão*

Beatriz Raimundo*

Fernando Costa*

Maria José Falcão*

Francisca Parente*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º Solista

Domingos Ribeiro 1.º Solista

Manuel Rêgo 2.º Solista

Marine Triolet

Vanessa Lima

Luís Ferreira*

Daniel Chaves*

Mário Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º Solista

Sónia Pais 1.º Solista

Amália Tortajada 1.º Solista

Rui Matos 2.º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º Solista

Nelson Alves 1.º Solista

Alice Caplow-Sparks

1.º Solista | Corne Inglês

Filipe Freitas 2.º Solista*

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º Solista

Telmo Costa 1.º Solista

José María Mosqueda

2.º Solista | Clarinete Baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º Solista

Vera Dias 1.º Solista

Raquel Saraiva

2.º Solista | Contrafagote

Ana Maria Castro 2.º Solista*

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º Solista
Pedro Fernandes 1.º Solista
Jaime Resende 1.º Solista*
Antonia Chandler 2.º Solista
Armando Camolas 2.º Solista*

TROMPETES

Carlos Leite 1.º Solista
Fábio Aguiar 1º Solista
José Pedro Pereira 2.º Solista
Paulo Carmo 2.º Solista*

TROMBONES

Sergi Miñana 1.º Solista
Rui Fernandes 2.º Solista
Thierry Redondo
2.º Solista | Trombone Baixo

TUBAS

Amílcar Gameiro 1.º Solista
Elmano Pereira 1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1.º Solista

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2.º Solista
Marco Fernandes 2.º Solista*
Ryoko Imai 2.º Solista*

PIANO / CRAVO / CELESTA

Rui Braga Simões 1.º Solista*

HARPA

Rebeca Csalog 1.º Solista*

BANDOLIM

Hugo Melo 1.º Solista*

ACORDEÃO

Sérgio Gladkyy 1.º Solista*

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

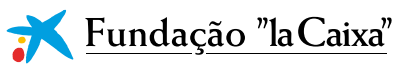
Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

* Instrumentista convidado

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música



Mecenas
EGO

Mecenas
Piano e Orquestra

Mecenas
Ciclo de Piano



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**

Apoiamos a cultura *para melhorar a sociedade*



Próximos concertos

Macbeth

Met Opera – Transmissão em direto

17 out
sábado 18:00

Trio Amatis Thomas Quasthoff

18 out
domingo 18:00

Coro Gulbenkian a cappella

21 out
quarta 20:00

Evgeny Kissin András Schiff

22 out
quinta 20:00

Viagem à América

25 out
domingo 11:00 / 15:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.

Se precisar de tossir, procure abafar o som.

Se persistir, saia discretamente e regresse no final da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes

e um ecrã aceso é visível em toda a sala.

Não são permitidos registos de som ou imagem.

